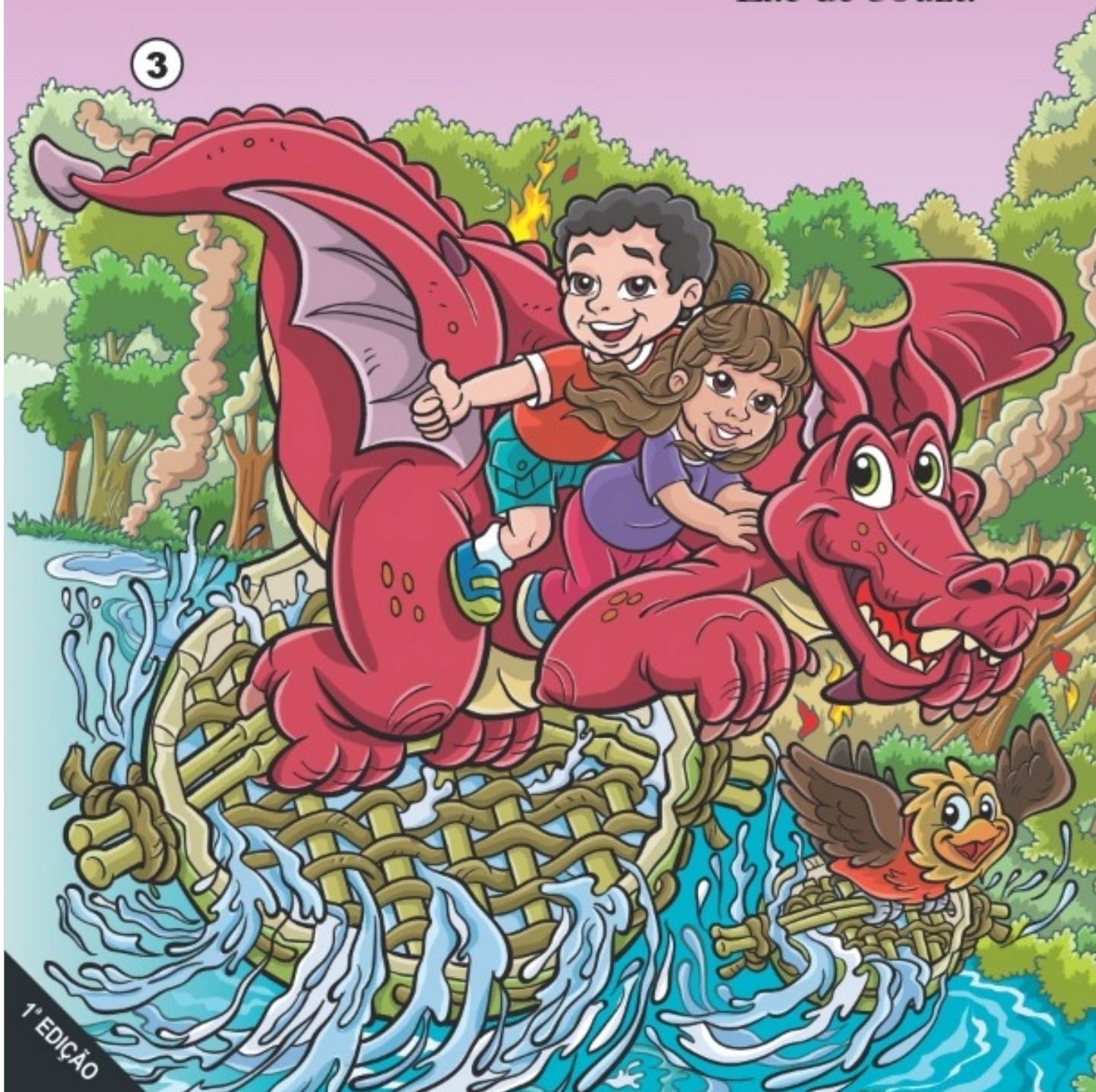


Nick e Bia – Aventura na floresta

Laé de Souza

3



1ª EDIÇÃO



Autor - Laé de Souza

Nick e Bia – Aventura na floresta

O GRUPO PROJETOS DE LEITURA desenvolve várias atividades e projetos de incentivo à leitura em todo o Brasil. São ações em escolas públicas, praças públicas, parques, ônibus metrô, aeroportos, hospitais e doação de livros para instituições filantrópicas.

Em mais uma ação para facilitar o acesso à leitura, os livros do escritor Laé de Souza, utilizados nos projetos do grupo, são disponibilizados, gratuitamente, em pdf.



Avisado por um passarinho falante de um incêndio na “Floresta Encantada”, Nick convoca os seus amigos para ajudarem no combate ao fogo. A garotada, presente em outras obras do autor, vive a aventura do tentar, com a ajuda dos animais, salvar a floresta.

Copyright © Laé de Souza
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Souza, Laé de
Nick e Bia – Aventura na floresta / Laé de Souza;
1. ed. - São Paulo: Editora Ecoarte, 2020.

ISBN: 978-85-87588-62-3

1. Amizade - Literatura infantojuvenil
2. Literatura infantojuvenil I. Finalmentearte.

20-32820

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Amizade: Literatura infantil 028.5
2. Amizade: Literatura infantojuvenil 028.5

Iolanda Rodrigues Biode – Bibliotecária – CRB-8/10014

Autor: Laé de Souza
Revisão: Álvaro Ricardo de Mello Gouveia Veiga
Copidesque Fabio Laé
Capa e ilustrações: Finalmentearte
Fotografia: Nivaldo Amorim
Assessoria Editorial: G2R Comunicação

www.projetosdeleitura.com.br
contato@projetosdeleitura.com.br
(11) 2743-9491
WhatsApp: (11) 95272-9775
Facebook: facebook.com/projetosdeleitura

Nick estava saindo com Bia, sua irmã, para um passeio de bicicleta, quando pousou em seu ombro o passarinho Chiu. O pássaro, que nasceu no quintal da casa do garoto, fala com ele, às escondidas, e só a irmã sabe que conversam, pois convidada por Nick, foi com eles a um passeio na Floresta Encantada.



– Nick, está começando um incêndio na Floresta Encantada e precisamos de sua ajuda – disse Chiu.

– Nossa! Precisamos acionar os bombeiros, urgente – falou Nick.

– Não pode! Se chamar os bombeiros todos ficarão sabendo da Floresta Encantada e será o fim de nossa floresta e animais. Irão querer criar um parque para visitação e assim cortarão nossas árvores, caçarão os animais e acabarão com os nossos rios e vegetação natural. Temos que encontrar uma saída, nós mesmos – respondeu Chiu, que acrescentou – Trouxe uma 'poção mágica' para você tomar e ir comigo até lá para ajudar.

A 'poção mágica', preparada por uma coruja da Floresta Encantada, faz com que a pessoa diminua de tamanho, o que tornaria possível o garoto viajar sobre o passarinho.

– Você tem razão – concordou o garoto que em seguida chamou: – Bia, venha aqui depressa. Precisamos salvar a Floresta Encantada que se queima. Corra até as casas dos nossos amigos Fabrício, Isabela, Sofia, Quinho, Charles e Horácio e peça para levarem muitos sacos grandes e, quem tiver rastelo em casa, que leve também. Se calçarem botas, melhor, e aguardem no campo de futebol. Eu irei até a floresta com o Chiu para ver o que podemos fazer e como transportar vocês até lá.

Entraram correndo em casa, Nick calçou botas, pegou a sua mochila com caneta, um caderno, um livro de combate a incêndios, sacos, corda e algumas outras coisas. Bia pegou a sua gatinha Pammy, um pedaço de corda e saiu com a sua bicicleta para avisar aos amigos. Nick tomou a 'poção mágica' e, já bem pequeno, subiu no passarinho Chiu e rumaram para a Floresta Encantada.



Bia passou na casa dos amigos pedindo que urgentemente fossem para o campo de futebol porque precisava muito da ajuda deles. Alertou que deveriam ir sozinhos e não falassem para ninguém, pois era segredo. Muitos queriam mais detalhes, mas ela respondia que não podia perder tempo e contaria tudo quando estivessem no campo.

Isabela disse que estava com uma prima em casa. “Será que poderei levá-la?” perguntou. Bia argumentou que não poderiam correr risco. “Você saberá de tudo logo mais Isabela e verá que temos razão para que fique só entre nós. Pense em alguma desculpa e vá para o campo, que eu ainda preciso avisar ao Horácio.”

– E o Fred, já falou com ele? Ele mora aqui em frente, e eu posso chamá-lo – falou Isabela.

– Nãooo! O Fred participa de nossas brincadeiras, mas não o conhecemos tão bem a ponto de sabermos se guarda segredos a sete chaves. Nick falou os nomes dos que seriam chamados e você sabe que ele gosta de tudo certinho – complementou Bia já montando na bicicleta e saindo.

Indo para a casa do Horácio, a menina teve que fazer de conta que não vira a tia de uma amiga que insistia em chamá-la. Não poderia perder tempo! Ainda mais com a dona Zulmira que gosta demais de conversar. “Depois se desculparia com ela,” pensou.



Charles foi um dos primeiros a chegar ao campo e, a cada um que chegava, ele repetia: – O que será que esse Nick está aprontando dessa vez? Ele sempre tem um plano que nos coloca em enrascada... E essa Bia que não chega nunca!

Quando Bia entrou no campo todos a aguardavam, exceto Isabela que apontava ao longe com a sua bicicleta e, ao chegar, esbaforida, desculpou-se e falou que estava mal por ter contado uma mentira à sua prima para se livrar dela. “Tive que falar que iria estudar para provas com uma colega. Gente, detesto isso!” complementou, com voz chorosa.

– Essa é cheia de denço e gosta de um teatrinho – cochichou Charles para o Fabrício.

Bia começou a falar: – Pessoal, ouça bem o que está acontecendo... – e contou sobre o incêndio na Floresta Encantada noticiado pelo passarinho Chiu.

Teve que contar que ela e o Nick, tempos atrás foram montados no passarinho Chiu para um passeio lá e que ela conhecia muito bem o lugar. Segredo agora revelado para eles que também não poderiam contar para ninguém. – Podem acreditar que o passarinho Chiu conversa com o Nick, a Floresta Encantada existe e vocês irão conhecê-la logo mais – disse Bia.



– Estão de brincadeira com a gente. Cada uma... acreditar que o passarinho fala, que existe uma floresta encantada com animais pré-históricos e que seremos transportados em cima de passarinhos para lá, é demais! E eu não vou tomar 'poção mágica', nenhuma, vou logo avisando – falou Charles.

– Eu também estou achando muito estranho para acreditar nisso. Ficarmos pequenos e viajarmos em cima de passarinhos? Só vendo para crer – disse Horácio, caindo na risada. “Tudo é possível, vamos aguardar,” disse Quinho, enquanto acariciava o seu cãozinho Radar.

Nick, chegando à Floresta Encantada, e já em seu tamanho natural, pois havia passado o efeito da 'poção mágica', pediu que providenciassem a busca dos amigos no campo de futebol enquanto ele pensava no que fazer. Ele, que já conhecia os animais da floresta por um passeio ali com a Bia, subiu em um dragão que, voando, percorreu o local do incêndio. Fez alguns desenhos e anotações e conduzia o dragão para ver a extensão do fogo e até onde ele poderia se estender. Ao descer, começou a pensar em como agir para debelar o fogo. “Como os dragões poderiam transportar água do rio para jogar no fogo?” perguntou Nick. Dona Coruja, a tal que faz a 'poção mágica', apontou para uma plantação de cabaças gigantes. Nick, rodeado pelos animais, retirou uma cabaça e um pica-pau, com o seu bico, cortou acima da metade, fez quatro furos na parte superior para o Nick amarrar com cipós dois bambus que serviriam como alça. Limparam bem por dentro e pronto! Estava feito o protótipo do balde transportador de água. Agora era testar.



O dragão, aquele que levou o Nick para ver o fogo, muito habilidoso, com as suas garras pegou a cabaça, passou correndo pelo rio enchendo-a de água e, do alto despejou o aguaceiro sobre o fogo. “Caiu muita água em um só lugar e é preciso corrigir,” pensou Nick. O pica-pau fez mais alguns furos na parte superior da cabaça e Nick passou cipós entrelaçados ficando como uma peneira, e lá foi o dragão repetir a operação.

Deu certo! A água caiu pulverizada sobre o fogo. Agora era retirar muitas cabaças, prepará-las, deixar bambus e cipós no jeito para que quando chegassem os garotos eles concluíssem o trabalho. Foi uma correria de serpentes, jacarés, elefantes, tiranossauros rex, colhendo as cabaças, os macacos raspando-as, os pica-paus furando-as e os macaquinhos trazendo os bambus e cipós, formando o conjunto para facilitar o trabalho da turminha que logo estaria ali.

Com muitas cabaças já preparadas, alguns macaquinhos começaram a amarrar os bambus nelas, mas Nick pediu que deixassem, pois as amarras não estavam muito boas e poderiam causar acidentes ao serem transportadas para o alto pelos dragões. Poderiam, sim, colocar os cipós entrelaçados e só deixar a amarração para a meninada fazer quando chegasse. Dona Coruja mostrou ao Nick que tinha desenvolvido outra poção mágica: a da fortaleza. Com ela os passarinhos ficariam mais fortes e conseguiriam ajudar levando água em cabaças menores. “Será que conseguem?” questionou o garoto. Fizeram uma com espaço menor entre os bambus e um pássaro, conseguiu mesmo, levá-la com água até o incêndio. Aí começaram a preparar as cabaças menores, também.



No campo, quando Charles, em tom de brincadeira, mal terminou de perguntar: “E aí, Bia, será que vai demorar muito para chegar o bando de aves que nos levará para a Floresta Encantada?” ouviu-se um barulhão vindo dos ares e, em seguida, quatro dragões soltando fogos, descerem no campo. Radar deu um grande latido e saiu em disparada. Pammy, soltou um miado, nunca antes ouvido, e pulou em cima do pau superior da trave. As crianças caíram umas para um lado e outras para o outro. Bia que esperava os pássaros com a 'poção mágica', espantou-se também, mas em seguida, refeita do susto, acalmou a turma, falando que estava tudo bem e que os dragões eram amigos. O pássaro Chiu saiu de cima de um dos dragões, pousou no ombro de Bia e lhe entregou um bilhete que trazia no bico e que fora enviado por Nick, dizendo apenas: “Venham rápido nos dragões.”

A princípio receosos, mas quando viram a Bia encostar-se nos animais, os garotos ficaram mais tranquilos. Amarraram os rastelos e os sacos, e, quando Bia subiu no primeiro dragão, eles tomaram coragem e também ocuparam os seus lugares. Bia foi com a gatinha Pammy e Sofia, Quinho com o cãozinho Radar, Charles com o Horácio, Fabrício com Isabela. Essa deu um pouquinho de trabalho dizendo, primeiro, que tinha medo de subir no dragão e, depois, que se sentia mal com altura. Mas, por fim, subiu, dizendo que iria até o final da viagem de olhos fechados para não olhar para baixo e sentir tonturas.

Resolvido isso, lá foram os nossos pequenos heróis para a Floresta Encantada.



Quando começaram a subir e voar para bem longe, não há como negar, sentiram muito medo, mas depois foram se acostumando e até apreciando a paisagem vista de cima, exceto Isabela que continuava de olhos fechados e, com receio de cair, abraçava bem forte o Fabrício. O passarinho Chiu ia em cima de um dragão e de vez em quando voava até outro.

Depois de um tempo de voo, quando se avistava uma grande pedra com um rio correndo por baixo, um dos dragões, o que carregava Charles e Horácio, se emparelhou com o que levava Bia, e ela, reconhecendo o lugar, gritou para os garotos que se preparassem: “Respirem fundo e segurem firmes. Vamos mergulhar no rio e, por baixo da pedra, sair na Floresta Encantada.” O dragão que carregava os meninos se afastou, para em seguida, encontrar-se com os outros. Feito isso, deram uma volta e mergulharam no rio passando por baixo da pedra, saindo na Floresta Encantada.

Boquiabertos com tantos animais que eles só tinham visto nos livros e filmes, os garotos, ainda, ficaram bem apavorados com o clarão do fogo que se via ao longe. Tanto que ao descer e encontrar-se com Nick, Isabela já de olhos bem abertos perguntou: “Não é melhor a gente voltar? Estou tremendo de medo...” ao que Quinho respondeu: “Que nada, Bela. Não há como voltar e estamos aqui para ajudar, não é mesmo, Radar?” O cãozinho deu um latido e balançou a cabeça afirmando. Ah, esqueci-me de lhes contar que esse cãozinho é especial. Muito esperto, entende tudo que se fala com ele, e até o que está escrito. Como diz o Charles, zombando: “Lê melhor do que muita gente.” Claro que não mais do que você, não é meu Caro Leitor?



Nick pediu que ficassem atentos às orientações que ele passaria. Ele comandaria as atividades com o auxílio de Quinho, garoto com experiência escoteira. “Agora teremos dois mandando na gente. Vamos ver onde isso vai chegar”, cochichou Charles para o Fabrício.

Por ora vocês irão amarrar os bambus que foram colocados nas cabaças pelos macacos e concluir as amarras dos cipós entrelaçados, para formar a peneira. Assim que amarrar, saia rapidamente e vá preparar o próximo, na sequência, porque um dragão irá pegar a cabaça para encher de água e jogar sobre o fogo. Sejam rápidos, porque eles irão como um carrossel. Darão a volta e virão de trás para o avanço do fogo, fugindo da fumaça que vem com o vento. Façam isso enquanto oriento os esquilos, pássaros pequenos e macaquinhos para reduzir o combustível no caminho do fogo. “Combustível?” questionou Isabela, arregalando os olhos. “Sim. Eles virão retirando galhos e folhas secas, cipós que estão pelo caminho, que servem como combustíveis e propagam, isso é, aumentam o fogo. Terão como ponto de partida, ao norte, saindo do local onde eu calculei que chegará o fogo quando vocês concluírem esse trabalho com as cabaças. Quer dizer, quando vocês concluírem as cabaças para os animais levarem a água, o fogo chegará onde começaram a tirada do combustível. Os animais pequenos, pássaros, macaquinhos catarão tudo e colocarão nos sacos. Os macacos grandes trarão para cá.”

– Pessoal, chega de conversa, vamos fazer as amarras das cabaças. Caso precisem de socorro usem o apito que o Nick distribuiu para vocês – gritou Quinho. Charles deu uma cutucada no Fabrício, sussurrando: “O Quinho já começou a dar ordens...”



Depois de preparadas as cabaças maiores para os dragões, foi a vez de preparem as menores que seriam transportadas com água pelas águias e gaviões. A 'poção mágica' da fortaleza ajudou-as a suportar um peso bem maior com as suas poderosas garras. As crianças se divertiram quando viram que as aves começaram a encher as cabaças no rio e, quando uma começou a enchê-la de água entrando voando nas águas de uma cachoeira, todas começaram a fazer o mesmo. “Um frescor legal do calor que receberão no fogaréu”, disse Bia, sorrindo.

Quando estavam concluindo os trabalhos, Quinho chegou montado em um tigre. Estava acompanhando a tarefa, executada pelos animais, de recolher as folhagens, e viera informar ao Nick sobre o andamento e ver se havia nova ordem. O cãozinho Radar ficara lá, ajudando a recolher gravetos, informou ele.

Enquanto Nick anotava as informações de Quinho, Sofia perguntou: “Agora que já estão jogando água no fogo, acabou nosso trabalho e iremos embora?” “O quê? Não! Ainda temos muito a fazer Sofia”, respondeu Nick e dirigiu-se à turminha: – Do lado oeste temos o rio que impede a passagem do fogo, entretanto precisamos percorrê-lo no sentido norte para eliminar a possibilidade de continuidade do fogo na floresta, do outro lado, o que seria o caos.



Assim as crianças foram sobre tigres, tiranossauros rex e acompanhados de gorilas, por toda a margem do rio até o início do fogo, cortando galhos e cipós que atravessavam ou se aproximavam de árvores do outro lado e que poderiam favorecer a continuidade do fogo. Esquilos roíam cipós que eram tirados das árvores pelos macaquinhos. Charles e Fabrício, montados em chimpanzés, subiam nas árvores e amarravam os galhos que avançavam para a outra margem do rio e que eram puxados pelos elefantes. Em uma das árvores Fabrício escapou das costas do animal e caiu na água, mas conseguiu montar em um hipopótamo que se abaixou para que ele subisse. Isabela ao ver aquilo passou mal e teve um princípio de desmaio. Precisou ser abanada para recuperar-se. Chiu, o passarinho, que tudo viu, saiu em disparada para contar o ocorrido ao Nick, mas avisou que estava tudo bem.

Quando retornaram, Nick avisou que o fogo estava começando a entrar na área limpa de folhagens e galhos. Ele estava controlando o tempo de avanço e logo iniciaria o cálculo para que construíssem o aceiro para contenção do fogo. “Aceiro! O que é isso?” perguntou Quinho. “É mais ou menos a limpeza que faremos no terreno, com uma largura de dois metros sentido leste, bloqueando a passagem do fogo”, respondeu Nick.



“Por isso o rastelo?” perguntou Horácio. “Sim. Vamos precisar limpar bem e deixar praticamente só terra, sem raízes e folhas, de forma que exclua toda a possibilidade de continuar o fogo”, respondeu Nick.

“Vamos logo fazer isso aqui, assim termina logo”, falou Horácio, já pegando o rastelo. “Não, Horácio. A linha de defesa deve ser bem calculada para não perdermos floresta que poderíamos conservar ou deixar o fogo atingi-la antes de concluída”, ponderou Nick.

– Agora embaralhou toda a minha cabeça. Não entendi nada! – falou Fabrício.

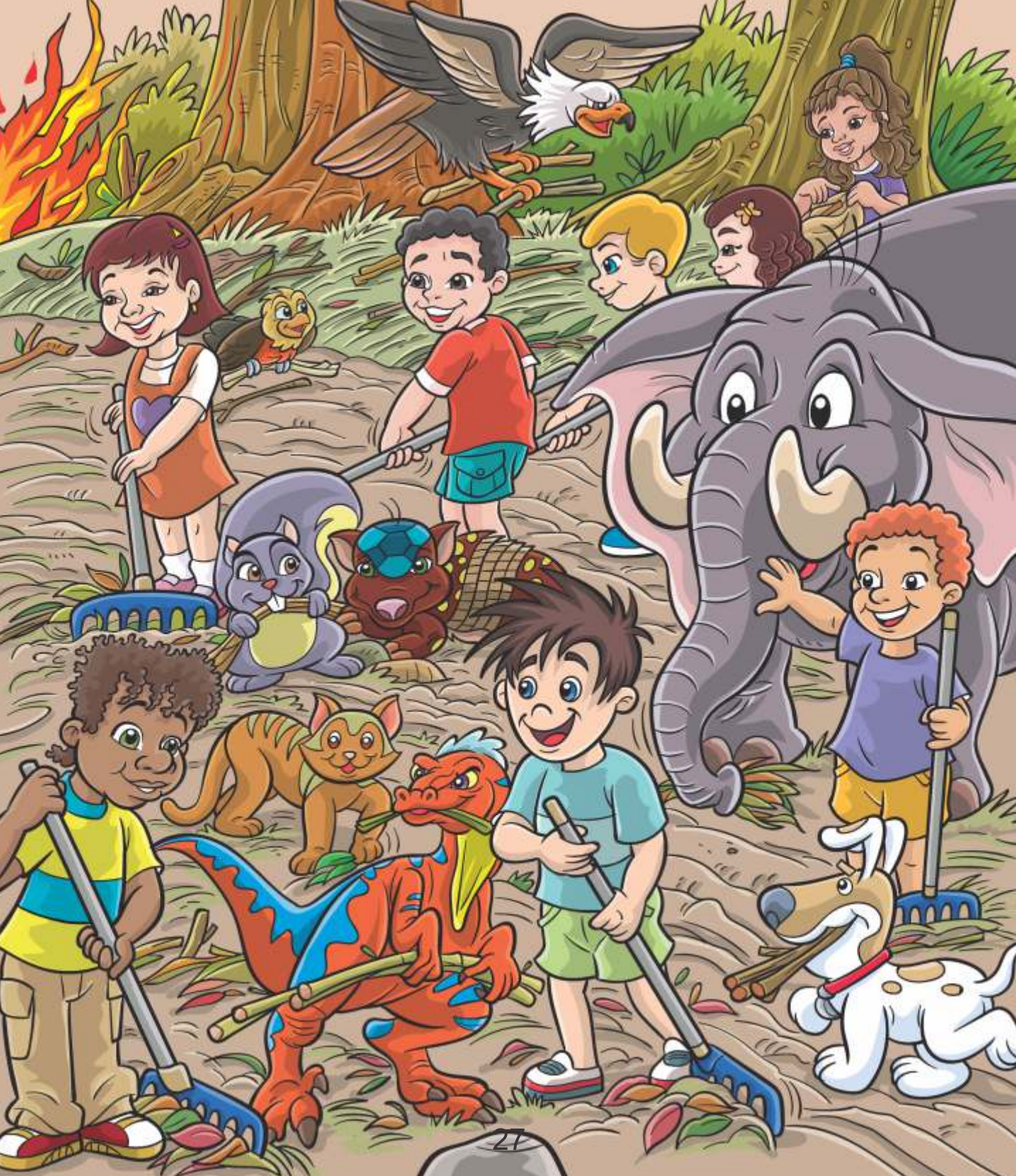
– Olhem, estou falando com vocês, mas atento ao tempo de fazer a medição do avanço do fogo, em 2 minutos. Vamos lá: Se construirmos a nossa linha de defesa muito longe do fogo deixaremos queimar árvores sem necessidade. Porém, se construirmos muito próximo do fogo e não der tempo de concluirmos quando o fogo chegar, perderemos uma grande chance de controlá-lo. Nessa situação, já estaremos cansados e talvez sem forças para continuar a batalha contra o incêndio. Por isso, precisamos calcular direitinho onde devemos construir a nossa linha de defesa. Opa! Passaram-se os dois minutos – falou Nick que novamente subiu no dragão e foi ao alto para ver o avanço do fogo e quanto ele estava adentrando a floresta por minuto para calcular onde seria construída a linha de defesa.



Lá de cima, Nick viu que estava tudo sobre controle. Os animais vinham à frente do incêndio em uma distância adequada, retirando tudo que poderia acentuar o fogo. Retornou ao local em que estavam os outros, fez novas anotações e revirava as páginas do caderno apanhando as informações para efetuar o cálculo. Fabrício aproximou-se e ficou boquiaberto com a expressão matemática criada para encontrar o local da linha de defesa. “De onde você tirou todos esses números, Nick?” Quis saber, Fabrício. “São os tempos, minutos, distância de avanço do fogo sem jogar água, com a água jogada, depois do terreno sem os combustíveis naturais e a velocidade do vento. Todas as variáveis que podem influenciar na velocidade do avanço do fogo. A Dona Coruja garantiu que o vento permanecerá como está por muito tempo, o que ajuda”, respondeu Nick. “Por isso você fez aquela biruta?” perguntou Horácio apontando para o instrumento improvisado. “Sim, para identificar a direção e intensidade do vento”, respondeu Nick.

Concluído os cálculos, Nick pediu para o Horácio, que também é muito bom em matemática, conferir. Feito isso, lá foram eles, levando as ferramentas, para o local em que Nick determinaria que se fizesse a linha de defesa. Aí, começou a correria. As crianças e os animais tirando tudo que pudesse pegar fogo, deixando o terreno limpo, numa distância de dois metros, indo sentido oeste, como se fosse uma estrada. Os tatus foram cavando e tirando raízes que eram puxadas para frente pelos esquilos e pelas crianças com os rastelos e os elefantes aspirando restos de raízes com as suas trombas.

Quando estavam acabando, já se aproximavam os pequenos animais que vinham limpando o terreno de folhas e raízes na frente do fogo.



Concluído o trabalho, afastaram-se e ficaram a observar a queimada que se aproximava e o vai e vem de dragões e aves levando água com as cabaças gigantes. A gatinha Pammy, que a princípio ficara amuada, já brincava bem descontraída, com os animais.

O fogo que vinha pela vegetação foi interrompido ao chegar à linha de defesa, e, totalmente apagado com o aguaceiro que vinha de cima, jogado pelos animais. Quinho e Horácio se arriscaram a, numa das viagens, ir em dois dragões que jogavam água no fogo. E o Radar, ao ver o seu dono subir no dragão, não teve medo. Foi junto.

Depois, cada um sobre os dragões, eles correram a floresta queimada, inspecionando, para ver se havia ainda algum ponto com foco de fogo. Encontrando algum, orientava, para que os dragões com as cabaças jogassem mais água.

Com o fogo debelado, nossos amiguinhos se prepararam para a viagem de volta. Era tanta a alegria dos animais que todos os dragões queriam ser os escolhidos para carregá-los. Precisou a Dona coruja entrar no meio e determinar quem seria. Juntaram os sacos e ferramentas e amarraram em um dragão. “Não deixem nada, principalmente saco plástico, que pode levar centenas de anos para se decompor e, ainda, há o perigo de algum animal se engasgar e até morrer por isso”, alertou Nick.

Cada criança veio em um dragão, exceto Isabela, que se recusou a ir sozinha: “De jeito nenhum. Deus me livre!” disse ela que foi no dragão em que estava Sofia. Chiu, novamente, vinha voando de um dragão para o outro.



Chegando, para fazer graça, os dragões deram uma volta pela cidade antes de descer no campo de futebol. As crianças apearam e, para não chamar muito a atenção, os dragões saíram rapidamente com destino à Floresta Encantada.

As crianças estranharam que, com tanto tempo na floresta, ainda fosse dia. Nick e Bia que já haviam ido à Floresta Encantada, explicaram que o tempo aqui é diferente do da floresta. “Horas lá, são minutos cá. Um dia que se passa na floresta é como se fosse somente uma hora aqui, por isso ainda é dia,” explicou Bia.

– Gente, toda essa aventura na floresta é segredo nosso. Ninguém deve revelar para a segurança e preservação da Floresta Encantada – disse Nick.

Mantiveram segredo, mas embora ninguém saiba o que aconteceu ao certo, na cidade muito se comenta sobre grandes animais voadores que circularam pelo céu naquele dia.

O certo, certíssimo, é que os nossos amiguinhos heróis não mediram esforços e superaram o medo para salvar a Floresta Encantada e seus preciosos animais.



GLOSSÁRIO

Aceiro: espaço desbastado de vegetação, que se abre em torno das residências rurais ou à margem de um trecho incendiado nas matas, para impedir a propagação do fogo.

Biruta: dispositivo que consiste numa espécie de saco de tecido colocado no alto de um mastro para indicar a direção e intensidade do vento.

Cabaça: fruto cujas cascas são muito duras e é utilizado na fabricação de vasos, cuias e diversos objetos.

Debelar: vencer, dominar, cessar o efeito ou poder.

Enrascar: se meter em encrenca. Arrumar problema.

Entrelaçados: trançadas, enlaçadas, ligar coisas fazendo passar por cima e por baixo.

Esbaforida: respirando mais depressa que o normal; sem fôlego, ofegante.

Poção: nas lendas, preparo para enfeitiçar ou ajudar as pessoas.

Protótipo: aquilo que se faz pela primeira vez e, normalmente, é usado como padrão, sendo copiado ou imitado; modelo.

Pulverizar: fragmentar em partículas pequenas. A construção de uma espécie de peneira permitiu que a água caísse mais espalhada pelo fogo, como em gotas, no fogo.

Rastelo: instrumento de agricultura e jardinagem constituído de uma grade de dentes com cabo adaptado, próprio para limpar, aplainar, afofar a terra etc.

Sussurrar: murmurar, fazer ruído leve, falar em tom baixo.

Variáveis: que pode variar, mudar facilmente; o que é mutável.

Livros infantis do autor



Autor - Laé de Souza
www.projetosdeleitura.com.br

Sobre o Autor



Jequieense, radicado em São Paulo há mais de 40 anos, Laé de Souza é cronista, dramaturgo, produtor cultural, bacharel em Direito e Administração de Empresas, escritor de livros dirigidos ao público infantil, juvenil e adulto. Autor de vários projetos de incentivo à leitura e coordenador do Grupo Projetos de Leitura há mais de vinte anos.

Peças teatrais: Noite de variedades, Casa dos Conflitos, Os Rebeldes, Viravolta na vida e Minha linda Ró.

Obras publicadas: Nos bastidores do cotidiano, Acredite se quiser!, Acontece.... e Espiando o mundo pela fechadura (impressão regular e em braile), Coisas de homem & coisas de mulher, a série infantil Quinho e o seu cãozinho Radar, Nick e Bia na floresta encantada (bilingue), dentre outros.

Projetos culturais: Ler é Bom, Experimente!, Caravana da Leitura, Dose de Leitura, Viajando na Leitura, Leitura no Parque, Leitura não tem Idade, Lendo na Escola.

Outras ações: Ao longo de sua carreira, Laé de Souza vem desenvolvendo várias ações de incentivo à leitura em todo o país: doação de livros de sua autoria para estudantes de escolas da rede pública, ONGs, hospitais, usuários de transportes coletivos, palestras para professores e estudantes, caravanas e oficinas literárias, distribuição de livros em casas, praças e parques públicos, edição anual de um livro com textos produzidos por estudantes participantes dos seus projetos de leitura.